

A LÍNGUA DE TODO MUNDO? • Continuação da página 1

Idioma do futuro, conflitos do passado

Projetos linguísticos desenvolvidos a partir do inglês tentam contornar estigma de 'herança do colonialismo'

No livro "Globish: How the English language became the world's language", o jornalista britânico Robert McCrum procura demonstrar a existência de três fases na afirmação do idioma como língua franca: a primeira, no século XIX, marcada pelo apogeu do Império Britânico; a segunda, no século XX, impulsionada pela hegemonia econômica americana no Ocidente; e a terceira, que se anunciaria no início deste século, quando o inglês "ganha um impulso supranacional que o leva além de suas raízes angloamericanas", argumenta. McCrum vê exemplos disso por todo lado, como no uso de cartazes e faixas em inglês por manifestantes de diversas partes do mundo para comunicar suas causas a uma audiência internacional e no hino da Copa do Mundo da África do Sul, "Wavin' flag", música composta pelo somali naturalizado canadense K'naan, que já contou em entrevistas ter aprendido inglês ouvindo discos de hip-hop.

Em entrevista por e-mail, McCrum diz que, embora tenha tomado emprestado o termo criado por Jean-Paul Nerrière (com autorização dele), suas definições de "globês" são distintas, pois o foco do francês é "exclusivamente linguístico", enquanto o seu é "sociocultural". Questionado por críticos por não levar em consideração as cicatrizes históricas deixadas pela expansão do idioma inglês pelo mundo, McCrum se defende:

— O inglês não pode apagar totalmente suas raízes, mas quanto mais global ele se tornar, menos importante será seu passado colonial e imperial. Proponho que a novidade no que chamo de "globês" seja justamente a liberação do idioma de sua história turbulenta — diz McCrum.

Essa proposta foi duramente criticada numa resenha da "The New Republic" assinada pelo linguista americano John McWhorter, que aponta como principal problema da obra de McCrum o fato de ela sugerir que o inglês é um idioma "fundamentalmente universal".

— McCrum acredita que o inglês se expandiu em parte porque é fácil de aprender, mas línguas como o russo e o árabe também se espalharam, apesar de serem muito complexas. A razão óbvia disso é que eram todas línguas de colonizadores, mesmo motivo pelo qual houve tempos em que a língua acádio e o grego eram dominantes. Não tem nada a ver com características intrínsecas do idioma — diz McWhorter ao GLOBO por e-mail.

Um idioma baseado em limitações comuns




Menos preocupado com aspectos culturais e históricos do idioma, Jean-Paul Nerrière diz ter criado sua versão do "globês" exclusivamente como uma "ferramenta de comunicação" para estudantes, negociantes e qualquer um que queira se fazer entender em todo o mundo com um punhado de palavras. Com o tino mercadológico dos tempos de executivo da IBM, criou um site para divulgar sua ideia (<<http://www.jpnn-globish.com>>, onde se encontram traduções para o "globês" de Shakespeare e do discurso de posse do presidente americano Barack Obama), e emplacou traduções de seus manuais para seis línguas, como japonês, russo e húngaro. Em 2009, lançou outro livro, "Globish the world over".

Um senhor bonachão que já viajou meio mundo (do Brasil, onde esteve nos anos 1960, diz se lembrar, em português com sotaque carregado, da "batida de limão"), Nerrière defende a teoria de


FALANDO GLOBÊS

DEFINIÇÃO

EXEMPLOS

 ROBERT MCCRUM Autor de "Globish: How the English language became the world's language"	 JEAN-PAUL NERRIÈRE Autor de "Globish the world over"	 MADHUKAR N. GOGATE Engenheiro e linguista
Variante simplificada do inglês que teria emergido naturalmente entre falantes de outros idiomas que precisavam se comunicar globalmente	Ferramenta de comunicação desenvolvida a partir do inglês, mas com um vocabulário reduzido das 200 mil palavras originais para 1,5 mil	Dialeto construído com uma reforma ortográfica que tornaria o inglês escrito mais parecido com o falado, facilitando o ensino do idioma a estudantes

Cartazes de protesto no Irã escritos em inglês para serem compreendidos em todo o mundo. Hino da Copa do Mundo, composto em inglês por um músico somali naturalizado canadense



Shakira canta na abertura da Copa da África do Sul

Em inglês...

- admirable (admirável)
- amiable (afável)
- attractive (atraente)
- charming (charmoso)
- corteous (educado)
- pleasant (agradável)

...podem todas ser substituídas por

- nice (legal)

Em inglês...

- she is a good girl (ela é uma boa menina)
- my car has new wipers (meu carro tem limpadores novos)
- Thank you (Obrigado)

Em globês...

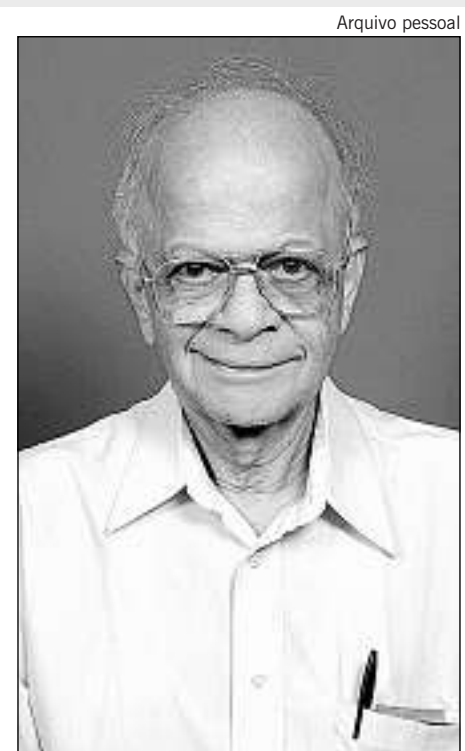
- shi iz e gud garl
- Maay kaar haez nyu waaypars
- Thaenk yu



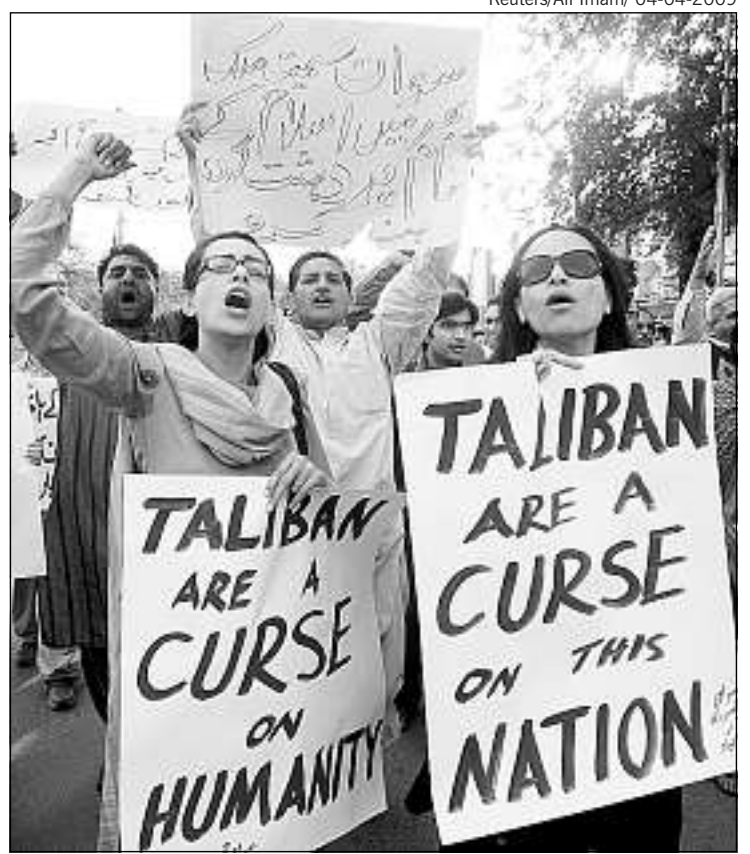
ROBERT MCCRUM: dimensão sociocultural



JEAN-PAUL NERRIÈRE: "idioma é veículo de uma cultura; o globês é só uma ferramenta"



MADHUKAR GOGATE: reforma ortográfica



MANIFESTANTES EXIBEM cartazes em urdu e inglês no Paquistão

que a adoção em larga escala do "globês" seria uma forma de "conter a invasão cultural angloamericana" ("Um idioma é o veículo de uma cultura, mas o globês é apenas uma ferramenta, limitada mas suficiente" diz, por telefone), além de promover uma comunicação internacional "mais igualitária":

— Quando falo inglês com um brasileiro, ambos temos limitações, porque não é nossa língua materna. Mas nossas limitações são muito parecidas, por isso nos entendemos bem. Uma ou outra palavra vai nos escapar, mas a compreensão será até mais fácil do que se estivéssemos com um falante nativo ou alguém que domina o idioma. O desa-

fio era chegar a uma lista de palavras que pudéssemos usar em comum — diz Nerrière, que resolveu a questão favorecendo termos simples que expressam ideias amplas, como "nice" ("legal"), uma de suas palavras favoritas.

"Apreciação imediata de todas as culturas"

Apesar de ter publicado seus primeiros textos sobre o "globês" depois do indiano Madhukar Gogate, Nerrière alega que não conhecia o trabalho do engenheiro na época. Por via das dúvidas, registrou a marca "globish", contrariando os ideais de outro defensor dos idiomas universais, o polonês L.L. Zamenhof (1859-1917), criador do esperanto,

O globês e o internetês

Linguista britânico fala sobre comunicação virtual no Rio

• Nascido na Irlanda do Norte, o linguista David Crystal discute no livro "English as a global language" ("O inglês como língua global", publicado em 1997 e inédito no Brasil) a hipótese de que a expansão acelerada do idioma poderia provocar o surgimento de inúmeras variantes locais do inglês pelo mundo, com dificuldades de compreensão mútua. Colaborador de organizações como a International Association of Teachers of English as a Foreign Language (IATEFL) e a Association for Language Learning (ALL), Crystal participará da conferência da Associação Brasileira das Culturas Inglesas (ABCI) que será realizada no Rio, de 15 a 17 de julho.

Em sua palestra, Crystal falará sobre as transformações experimentadas pela língua inglesa com a massificação da internet. Criador do termo "netspeak" (literalmente "fala da rede", mas muitas vezes traduzido no Brasil como "internetês"), o linguista diz que

o principal impacto da comunicação virtual sobre o idioma é observado na ortografia, com a proliferação de novos termos e símbolos, como os emoticons, e a flexibilização das regras de pontuação.

— O principal feito da internet, do ponto de vista linguístico, foi o aumento no leque de estilos informais disponíveis na linguagem. As tecnologias envolvidas em email, blogs, chat, mensagens instantâneas, SMS, tweets e redes sociais têm conduzido os idiomas em novas direções estilísticas — diz ao GLOBO por e-mail Crystal, que tem publicados no Brasil os livros "A revolução da linguagem" e "Dicionário de linguística e fonética" (ambos pela Zahar).

Com o tema "Visões para um futuro sustentável", a conferência da ABCI será realizada no Hotel Windsor, na Barra da Tijuca. Mais informações e inscrições no endereço <<http://www.abci2010.com.br/>>.

que renunciou aos direitos autorais sobre sua invenção.

Mesmo assim, Gogate continua a pregar sua própria versão do "globês" na Índia e em viagens pelo mundo. Engenheiro eletrônico que trabalha desde os anos 1950 com problemas de transcrição de termos em inglês, hindu e marathi (sua língua materna) para linguagens de computação, Gogate dedicou os últimos anos a desenvolver as diretrizes para o que considera uma ampla e necessária reforma ortográfica do inglês.

— As irregularidades na ortografia inglesa são bem conhecidas. Milhões no mundo todo aprendem com muito esforço a grafar corretamente as palavras, e o inglês já se tornou o idioma de ligação entre as pessoas. O que proponho não é o fim do inglês, que deve continuar, assim como as outras línguas, mas a criação de um dialeto paralelo ao inglês com uma ortografia mais semelhante à pronúncia, que facilite o trabalho dos estudantes — diz Gogate, por e-mail.

Para demonstrar suas teses, o engenheiro criou uma lista de cerca de 2 mil palavras com sua nova ortografia, baseada em grande parte na pronúncia indiana: "thank you", por exemplo, vira "thaenk yu" (veja mais exemplos no quadro acima). Apesar das dificuldades de veicular suas propostas (expostas em seu site,

<<http://www.mngogate.com/>>), Gogate acredita que o "globês" tem um futuro promissor, por "simplificar a comunicação no mundo todo, quebrando barreiras e proporcionando uma apreciação imediata de todas as culturas":

— Geralmente, novas ideias e conceitos não são levados a sério no início. As pessoas estão mais preocupadas com seus empregos e com a inflação. Comparativamente, reformas linguísticas não atraem tanta atenção. Isso acontece com o "globês" também. Mas recebo muitos convites para falar no rádio, já dei palestras no Rotary Club, entre outros lugares. Toda reforma tem seu tempo. Posso não ter sucesso agora, mas alguém no futuro terá. ■